

VAMPIROS:

Alguns vampiros se derramavam na sociedade, deslumbrados pelo passar das eras com suas invenções e variações: pessoas, comidas, modas, decorações, artes. Outros se isolavam em asco, reclusos e exaustos: a humanidade, estagnada, não lhes era nada mais que um tecido homogêneo, esgotado de distrações. Sempre mais do mesmo.

Enki e Lark passeavam pela terra dos vivos e pelos círculos dos eternos como por dias bucólicos de verão, encontrando-se nos caminhos dos olhos um do outro. Tudo era interessante. A imortalidade não era maculada pelo marasmo. Era um dádiva envelhecerem naqueles corpos imutáveis. O tempo era um aliado, cada segundo era um presente. Era incrivelmente bom estar no mundo quando tão bem acompanhados.

Sentiam o corpo um do outro como um entorpecente. Os músculos frios e as peles geladas incendiando cada carícia como brasa. A urgência dos toques e dos lábios. Das presas.

Lark tinha cabelos sem estrelas, que caíam pelo desenho dos braços numa brisa feita de sombras. Tinha barba escura e olhos amendoados, finos e íntimos. A gargantilha, as pérolas, a maquiagem, o som do tecido quando se debruçava sobre o marido: mil estrelas queimando na noite.

Enki era o próprio sangue, do arterial ao venoso. O cabelo curto cor de ferrugem e a barba cheia, pingando seu sangue azul pelo marfim afiado. Ornado como palácios, o espartilho marcado na cortina da blusa aberta. Bebê-lo podia não oxigenar as veias de Lark, mas era parte do que lhe dava vida.

Seu amor era como um vinho. Enriquecido com o tempo. Delicioso, embriagante, profundo. Um afeto maturado pelas eras, perdidamente interessado em conhecer mais do outro. Os trejeitos, as preferências, os estímulos... Cada hemoglobina que os constituía como nada mais no domínio físico era capaz de ser.

O estar junto não era um assombrado: não estavam alienados ou esquecidos, não se haviam condenado por possuir. Seria possível se amarrarem, como alguns vampiros faziam na tentativa de segurar o que fora uma paixão. Mas isso soava como uma transgressão.

Estavam ali porque escolhiam, a cada nova noite, estarem. Porque parecia impossível não se apaixonarem quando seus sorrisos se esbarravam. Divertidos como adolescentes, seguros como vidas inteiras. Ansiosos como descobertas. Como orquestras estrondosas e fogos de artifício tingidos. Com risadas que pareciam tanto um convite quanto uma provocação. Como quem faz algo que não devia, borbulhantes de antecipação.

Os instantes existiam como degustações. Escolher as roupas juntos, mesmo que para rasgá-las depois. Constelar-se de joias, com olhos coloridos e bocas manchadas de corações. Devorar iguarias intrépidas e visitas.

Ter a sorte de compartilhar um dia a dia. Envelhecer era inebriante.

Através dos séculos, no mundo sem sol em que viviam, seu afeto era luz. Era calor.